

PROCESSOS DE TRADUÇÃO INTRALINGUAL

Eliana Amarante de Mendonça Mendes - UFMG

Pretendo neste trabalho, considerando que tradução intralingual e tradução interlingual são recortes estabelecidos sobre um único objeto - a tradução -, mostrar o estreito relacionamento existente entre essas duas variedades de tradução e a vantagem de se pensar em conjunto essas duas manifestações.

Roman Jakobson (1959/1975, p.74) propôs que a conversão de uma modalidade de língua em outra modalidade de língua, que a conversão de um sistema de signos em outro sistema de signos e que a conversão de uma língua para outra constituem um mesmo tipo de processo, a tradução. No primeiro caso, tradução intralingual; tradução intersemiótica no segundo caso, e tradução interlingual, no último.

Na esteira de Jakobson, também George Steiner (1980, p.65), além de expandir a noção de tradução - incluindo a tradução intralingual e a tradução intersemiótica -, apresenta inúmeros exemplos de tradução intralingual, nas categorias tradução diacrônica (de uma época para outra) e mudança de registro (de acordo com a posição social, ideologia, profissão, idade, sexo) e afirma que “ dentro o entre las lenguas, la comunicación humana es una traducción” (1980, p.67)

No entanto, embora a tradução interlingual tenha tido sempre muito espaço nos estudos humanísticos, estudos sobre tradução intersemiótica e tradução intralingual são muito mais raros. Com o desenvolvimento da Semiótica começou a surgir algum interesse pela tradução intersemiótica; a tradução intralingual, entretanto, continua até hoje muito pouco considerada pelos estudiosos.

São realmente muito raros trabalhos sobre tradução intralingual: o pouco que existe são, geralmente, rápidas menções ao tema em obras dedicadas à tradutologia interlingual e alguns poucos trabalhos, normalmente diluídos em outras disciplinas.

Saussure, quando tratou da determinação das fronteiras lingüísticas e dialetais, mostrou muito bem que os recortes que se fazem para o estudo das línguas são, muitas vezes, arbitrários. Retomando Saussure, Ronald Langacker exemplifica o problema da seguinte maneira:

Podemos ilustrar isso com o exemplo do limite, ou ausência de limite, entre francês e italiano. Estamos acostumados a considerar o francês e o italiano como duas línguas diferentes. De fato, o francês falado em Paris e o italiano falado em Nápolis são mutuamente ininteligíveis. No entanto, não podemos simplesmente marcar um ponto no mapa e dizer: "Aqui é onde acaba o francês e começa o italiano." A transição das áreas onde claramente se fala o francês e para as áreas onde claramente se fala o italiano é gradual. Indo-se de cidade em cidade entre Paris e Nápoles, raramente ou nunca perceberíamos estar deixando uma área lingüística e entrando em outra, porque as diferenças lingüísticas de uma cidade para outra são realmente mínimas. (LANGACKER, 1972, p.53)

Isso não significa que não podemos falar em línguas separadas, ou dialetos distintos, mas significa que ao fazê-lo estamos em maior ou menor grau abstraindo da realidade, fazendo recortes que, embora arbitrários, são necessários para a apreensão do objeto de estudo, no caso, línguas.

Para uma teoria da tradução, essas observações implicam que também os limites entre tradução interlingual e tradução intralingual não são nítidos: o que distingue variedades de uma

mesma língua e diferentes línguas é uma questão de grau e não de natureza, e que, portanto, *mutatis mutandis*, o que é válido para a tradução interlingual é também válido para a tradução intralingual.

Um dos raros trabalhos que tratam especificamente da tradução intralingual é o artigo de Fernando Tarallo, intitulado *Aspectos sociolingüísticos da tradução*. Neste artigo Tarallo nos diz que “A noção de registro lingüístico é fundamental para a tradução intralingual. O conceito de tradução como equivalência de sistemas lingüísticos deve, pois, ser expandido para a noção de tradução como equivalência de registros lingüísticos;...” (TARALLO, 1991, p.36)

Mostra então que a mudança de registro é uma versão intralingual da tradução, já que, assim como na tradução interlingual, a consciência lingüística atua, reconhecendo como equivalentes, ou não, dois textos em línguas diferentes; na mudança de registro “...a consciência sociolingüística atua de maneira a fazer equivalerem, ou não, diferentes registros lingüísticos.” (TARALLO, 1991, p. 37)

Tarallo relata então, em seu artigo, um caso de tradução intralingual, que envolve variação no nível sintático: o uso das relativas no português falado na cidade de São Paulo. Segundo Tarallo, o transporte, ou como prefiro dizer, "a tradução", de variantes não-padrão de um registro para o outro, principalmente quando se trata de discurso planejado, nem sempre é completo. Isso é, às vezes se muda de registro, mas preserva-se a relativa característica de outro registro. Dito de outra maneira, a tradução intralingual pode ser parcial, não afetando todo o texto, e não sempre total, como ocorre na tradução interlingual.

Como se vê, embora restrito a um tipo de tradução intralingual, esse artigo já antecipa a possibilidade de se encarar as variações sociolingüísticas como manifestações de tradução intralingual, abrindo assim um vasto campo para a investigação dentro da interface sociolingüística /tradução.

Além desse artigo de Tarallo, mais recentemente a possibilidade da tradução intralingual tem sido usada por desconstrutivistas como argumento contra o logocentrismo, por exemplo em Arrojo (1992).

Também Octavio Paz se ocupou da tradução intralingual, como se pode ver no trecho abaixo:

Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente le pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil: incluso la tribu más aislada tiene que enfrentarse, en un momento o en otro, al lenguaje de un pueblo extraño. (PAZ, Octavio, 1971, p. 22)

A noção de correspondência, relacionada à tradução intralingual, foi muito trabalhada no âmbito da lingüística gerativa transformacional, como se pode ver em Perini (1995, p. 46-9). Correspondência é “um relacionamento sintático especial entre frases (...) além do evidente parentesco semântico”. Admite-se então a existência de grupos de correspondência que agregam certas estruturas, frases e também sintagmas menores. Perini considera dois tipos de correspondência: a total (a topicalização, a anteposição de pronomes interrogativos, a clivagem, a movimentação de clíticos e a movimentação de quantificadores) e a parcial (a relação ativa passiva e o alçamento do objeto).

Perini considerava tentador aproximar, pelo menos em parte, o conceito de paráfrase e o de correspondência. Reconhecia que a correspondência total podia ter uma certa relação com a paráfrase, embora a mudança de posição dos termos em relação à “frase básica” acarretasse

saliência semântica de alguns termos. Na parcial, entendia que pudesse ser paráfrase do ponto de vista estrutural. Por exemplo, a relação ativa/passiva pode ser vista como uma correspondência e uma paráfrase.

Mais recentemente, Luís Antônio Marcuschi (2001), analisando a oralidade e a escrita, desenvolveu interessante trabalho sobre a tradução intralingual, estudando como se dá a tradução da língua oral para a língua escrita, o que ele chama de retextualização. Apesar da excelência do trabalho de Marcuschi, ele só explora a tradução intralingual oralidade/escrita, embora mencione outras possibilidades.

Mas foi a meu ver a partir do desenvolvimento dos estudos da transtextualidade, principalmente com Gérard Genette, para o qual o conceito de transtextualidade engloba “tudo o que coloca (um texto) em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 1982, p. 35), ou seja, aquilo a que ele chama de relações transtextuais e inclui a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a arquitekstualidade e a hipertextualidade, que os estudos da tradução intralingual tornaram-se mais interessantes

Os objetivos de Genette, no entanto, não incluem a tradução intralingual. Considera a tradução (interlingual) como uma manifestação da transposição, dentro da hipertextualidade, e as demais manifestações hipertextuais como gêneros diversos.

A hipertextualidade é por ele definida como toda relação que une um texto (texto A' – hipertexto) a outro texto (texto A – hipotexto). Hipertexto, portanto, é todo texto derivado de um outro texto – que lhe é anterior – por transformação simples, direta, ou, de forma indireta, por imitação; e hipotexto é o texto primeiro que dá origem a seu derivado.

Embora esse autor não se debruce sobre a tradução interlingual, pois entende que a mesma já é muito pesquisada, sua definição de hipertextualidade, é óbvio, inclui necessariamente esse tipo de tradução. Pode-se então dizer que uma tradução é um hipertexto de um texto anterior, de um original, seu hipotexto. Conseqüentemente, também as diversas modalidades de tradução intralingual constituem hipertextos de hipotextos. Uma evidência de que as modalidades de tradução intralingual são realmente tradução é o fato de elas, assim como a tradução interlingual, só poderem ser identificadas como tal quando o paratexto o indique ou por meio do contraste com o original, com o hipotexto. Mas, segundo Genette, recorrer ao hipotexto nunca é indispensável para a simples compreensão do hipertexto. Portanto, na ausência do original, ambas – tradução interlingual e tradução intralingual – podem ser tomadas como o texto primeiro.

Como se pode ver, a definição de hipotexto de Genette dá conta de identificar não só a tradução interlingual, mas também a intralingual e a inter-semiótica.

Reconhecemos, pois, como tradução intralingual, as seguintes modalidades:

I - Paráfrase

Desde a retórica clássica, a noção de paráfrase foi objeto de reflexão dos estudiosos. Era utilizada como exercícios retóricos ou para a exegese de textos sacros. A Lógica, desde Aristóteles, se empenhou em estabelecer as condições de equivalência entre as proposições.

A paráfrase, dentre as modalidades arroladas, é o tipo mais clássico de tradução intralingual, e a que apresenta mais afinidades com a tradução interlingual, uma vez que se distingue desta não por natureza, mas somente por grau. Numa tradução interlingual todo o texto tem que ser retextualizado. No máximo, na impossibilidade de tradução de um e outro termo, conserva-se o termo no original. Já na tradução intralingual, nem tudo é necessariamente traduzido, uma vez que nem sempre a língua oferece alternativas de retextualização.

A paráfrase também é a base das outras modalidades, todas elas constituem de certa forma

modalidades especiais de paráfrases. A exemplo do que ocorre na tradução interlingual, algumas dessas modalidades são projetos parafrásticos, paráfrases com intenções diversas.

Tipos de paráfrase

Conforme Catherine Fuchs (1982, p.57-72), há diversos tipos de paráfrase, conforme o tipo de transformação operada no texto original e conforme o tipo de significação envolvido: a significação lingüística, a significação referencial, a pragmática e a simbólica.

A significação lingüística (a paráfrase lingüística)

O plano lingüístico conduz a uma decodificação que se apoia no sentido lingüístico. É a paráfrase propriamente dita, que se reconhece na seguinte formulação: Dadas duas seqüências X e Y, Y reformula, de modo literal, o sentido literal de X. Tais reformulações podem ser sintáticas, semânticas, conversão de ativa em passiva e vice-versa, lexicais (trata-se aqui da sinonímia), mudanças de foco, mudanças de caso, transformações de frases simples em frases complexas, mudanças lógicas.

As significações extra-lingüísticas

Da mesma forma que na tradução interlingual, as grandes dificuldades tradutórias ocorrem quando se deixa o nível lingüístico e se depara com os níveis extra-lingüísticos, em que já não é mais possível se valer somente dos aspectos estritamente lingüísticos. Segundo Catherine Fuchs, é preciso distinguir, ainda, nesse continuum interpretativo, mais três níveis, além do lingüístico: o nível referencial, o nível pragmático e o nível simbólico.

A significação referencial (paráfrase referencial)

Na significação referencial, o sujeito da enunciação ancora o enunciado na situação enunciativa, no eu-aqui-agora, que exige conhecimentos compartilhados entre o interlocutor e interlocutário. Na verdade, a paráfrase pressupõe mais do que a estrutura lingüística, mais do que a simples correspondência de formas sintáticas. Implica também a situação em que entram os participantes: o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção, com sua interpretação. São exemplos: a referência de termos anafóricos, a referência de termos dêiticos e a referência de descrições definidas

A pragmática (paráfrase pragmática)

No plano pragmático, a paráfrase se baseia nas intenções do locutor, seu envolvimento com o ato de fala (valores ilocutórios) e nos efeitos sobre o receptor (valores perlocucionários). O reconhecimento desse tipo de paráfrase depende da devida aceitação de que para além da referência, do espaço e do tempo, há também os participantes mediados pela linguagem, a qual não é considerada como uma estrutura independente daqueles que a produzem e a interpretam. Para Austin (1990) a fala compreende um aspecto locucionário, que diz respeito ao fato de se dizer alguma coisa, de se estabelecer uma predicação sobre um estado de coisas; um aspecto ilocucionário que se refere ao valor do ato praticado pelo falante ao proferir certas palavras em determinada situação; e um aspecto perlocucionário, que se refere ao efeito sobre o ouvinte, quando da enunciação de uma frase, seja este efeito intencional ou não.

A interpretação simbólica (sentido literal/sentido não literal)

O último nível, o simbólico, é fundado nas figuras de estilo e nos gêneros literários, sendo a metáfora e a alegoria as mais recorrentes nesse tipo de paráfrase. Nesse nível, o reconhecimento

da paráfrase não é consensual, já que sua interpretação fica na dependência da capacidade dos interlocutores perceberem as figuras, o que vai depender de um conhecimento compartilhado entre os mesmos. Pode não haver consenso até mesmo quanto à ocorrência ou não de traços alegóricos e metafóricos. Para melhor compreensão desse tipo de paráfrase no nível simbólico, é necessário analisar vários gêneros literários, para ver o quanto cada um desses gêneros o condicionam.

Para Fuchs, (1982, p.128) na paráfrase , “os níveis possíveis de interpretação se encadeiam uns com os outros de modo contínuo; eles vão do mais lingüístico (ou seja, ligado às formas), ao menos literal (ou seja, à interpretação mais livre)¹”. Como se viu, há vários níveis parafrásticos, desde aqueles nitidamente reconhecíveis até aqueles em que a superposição de significados é parcial, por vezes mínima. Na verdade, a paráfrase pressupõe mais do que a estrutura lingüística, mais do que a simples correspondência de formas sintáticas. Implica também a situação em que entram os participantes: o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção, com sua interpretação.

Embora as possibilidades de paráfrase sejam muitas, às vezes mesmo ilimitadas, *grosso modo* o sentido básico permanece e é isso que faz com que o falante nativo reconheça a relação parafrástica entre duas frases, a invariável tradutória.

II - Paródia

A paródia é um tipo de tradução intralingual que consiste na retomada de um texto, trabalhado com novas e diferentes intenções daquelas com que foi criado por seu autor. Há paródias humorísticas, críticas, poéticas, etc.

Outrora condenada como um tipo de plágio, é, na pós-modernidade, resgatada e legitimada, despertando hoje muito interesse. Tradicionalmente vinculada a textos literários, é hoje uma modalidade muito difundida principalmente no discurso publicitário, no discurso jornalístico, no discurso cinematográfico e televisivo.

Genette destaca três possibilidades de paródias representadas na tradição literária: a aplicação de um texto nobre, modificado ou não, a um diferente assunto, geralmente vulgar; a transposição de um texto nobre para um estilo vulgar; o emprego de um estilo nobre, por exemplo o da epopéia, de uma obra singular a um assunto vulgar ou não-heróico.

A forma mais pura de paródia é a retomada de um texto conhecido para lhe dar um novo sentido ou mesmo desligá-lo de seu contexto e de seu nível de dignidade. Mas há também paródias de umas poucas frases de um texto, de textos curtos, de provérbios, de ditos históricos tomados em outro sentido que não o original.

III – Pastiche

Um outro tipo de tradução intralingual, que se confunde com a paródia é o chamado *pastiche*. Ele se caracteriza por desenvolver textos de acordo com o gosto e o estilo de autores pouco aceitos. De acordo com Genette, é a crítica em ação: uma imitação estilística com função crítica ou ridicularizante. É esse aspecto caricatural que caracteriza o *pastiche*.

Derivado do termo italiano *pasticcio*, o *pastiche* é uma modalidade de reescritura que consiste na imitação de um autor, baseando-se na reprodução de uma série de motivos e recursos estilísticos característicos da obra desse autor, que dá a impressão de que se trata na verdade de um tipo de

¹ “les niveaux possibles d’interprétation s’enchaînent les uns aux autres de façon continue ; ils vont du plus linguistique (c’est-à-dire lié aux formes) aux moins littéral (c’est-à-dire à l’interprétation plus libre)
Tradução minha.

falsificação literária.

O pastiche é um fenômeno de incorporação literária que pode constituir um exercício muito interessante de escritura porque requer, por parte do autor que se propõe a praticá-lo, uma análise profunda da obra do escritor que quer imitar, isto é, escrever *a la manière de*.

Distinguem-se pastiche de estilo e pastiche de gênero.

Pastiche de estilo

Este é sem dúvida o tipo mais comum. Pode ser um texto curto em que o autor só esboça uma situação, pois acha que o assunto é menos importante que o estilo. Mas a situação e o conteúdo devem ser plausíveis, próximos ao gosto e temas do autor imitado. Pode, às vezes, ter um efeito cômico, especialmente quando o *pasticheur* exagera ou deixa que o autor imitado seja facilmente reconhecido.

Pastiche de gênero

Esta outra modalidade de pastiche é um subtipo do pastiche de estilo. Quando um escritor quer imitar outro, por meio de um pastiche, ele o faz a partir dos gêneros que esse autor emprega habitualmente. Mas o pastiche de gênero pode constituir por si mesmo uma figura independente, no caso em que o *pasticheur* se interesse de forma especial por um determinado gênero como hipotexto. Um dos melhores exemplos desse tipo de pastiche é novela de Julian Barnes intitulada *Flaubert's Parrot*.

IV - Bricolage

Este tipo de tradução intralingual, *bricolage*, termo francês que significa, literalmente, um trabalho manual feito de improviso e aproveitando toda a espécie de materiais e objetos. Nas modernas teorias da literatura, o termo passa a ser sinônimo de colagem de textos ou extra-textos numa dada obra literária. Também serve para traduzir uma prática dita pós-modernista de transformação ou estilização de materiais preexistentes em novos trabalhos, não necessariamente originais. Nesta acepção, podemos falar de *bricolage* de vários elementos textuais em romances pós-modernos, por exemplo, *Cem Anos de Solidão* (1967), de Gabriel García Marquez.

V- Forgerie

Este tipo de tradução intralingual, *forgerie* (forjação) é para Genette uma imitação séria de um texto. (GENETTE, 1982, p.43)

VI - Travestissement (trivialização)

Genette (1982, p.44) destaca também uma outra forma de hipertexto – a fantasia [*travestissement*] burlesca –. Essa fantasia burlesca modifica o estilo sem modificar o assunto, ou seja, embora retome assuntos consagrados, sua forma é vulgar, burlesca, aproximando-se dos gêneros cômicos, ao contrário da paródia que modifica o assunto sem modificar o estilo.

VII – Charge

A *charge* é um tipo especial de tradução intralingual, uma vez que, além de poder conter textos, contém ilustração, o que a configura também como tradução inter-semiótica. Embora possa ser um hipertexto de um hipotexto, pode eventualmente não se apoiar em textos prévios, já sendo gerada como charge. Genette(1982, p. 53) classifica a *charge* como imitação satírica.

VIII –Transposição

Segundo Genette, a transposição se dá quando um autor escreve um hipertexto, de índole séria, por meio de transformações diretas a partir de um hipotexto. Genette distingue entre

transposições formais e transposições temáticas.

Transposições formais

Dentro dessas, Genette considera modalidades como a **tradução interlingual** e a transferência de um texto de uma linguagem a outra. Existe um grupo de transposições que afetam a natureza do tecido textual propriamente dito: o caso da **versificação** e da **prosificação**, que consistem em uma *mise en vers* ou *mise en prose*, respectivamente; outra variedade é a **transmetrização**, quando a transformação formal opera uma mudança na métrica; há também a **transestilização** uma modificação estilística, como por exemplo, uma reescritura de um texto em estilo jornalístico ou editorial.

Existe outro grupo de transposições formais que Genette define como **de tipo quantitativo**. Estas modalidades podem provocar uma redução ou um aumento do hipotexto. Dentro das transposições que reduzem o original, temos: o corte ou supressão pura e simples; a expurgação, definida como uma poda de tom moralizante; a concisão, que abrevia um texto sem suprimir nenhuma parte tematicamente significativa; e, finalmente, a condensação, que resume formalmente um texto em seus conteúdos.

Dentro da categoria de transposições aumentativas, temos: a extensão, que consiste em acrescentar partes; a expansão, ou dilatação estilística, que duplica ou triplica cada frase do hipotexto por vacilação ou por excesso de precisão; por transformação definicional ou por explicitação; e, por último, a amplificação ou expansão temática e estilística.

Outra classe de transposição formal é a **transmodalização** ou mudança de modo de escritura. Esta pode ser: intermodal, quando se passa de um modo narrativo a um dramático ou vice-versa, ou intra-modal, quando se produz uma mudança que afeta o funcionamento interno do modo narrativo. Estas variações são às vezes: de ordem temporal, como quando o hipertexto apresenta anacronias em um relato inicialmente cronológico; de duração e frequência, demonstrando que se pode alterar o regime de velocidade de um relato tantas vezes quantas se deseje; de modo-distância, quando se inverte a relação discurso direto e indireto; e de modo-perspectiva, que modifica o foco do relato.

Transposições temáticas

As transposições temáticas são as que causam metamorfoses dos conteúdos dos textos. Genette distingue entre transposições diegéticas e pragmáticas.

Transposições diegéticas

Estas produzem uma mudança do universo espaço-temporal em que se desenvolve a história e podem ser: **homodiegéticas**, quando a ação se aplica a um texto sem afetar seu quadro histórico geográfico e **heterodiegéticas**, quando tais mudanças alteram o quadro histórico-geográfico da narrativa.

Transposições pragmáticas

Estas implicam uma modificação dos acontecimentos e das condutas constitutivas da ação. A transposição diegética acarreta, inevitavelmente, algumas transposições pragmáticas: como indica Genette, um Fausto transportado para a época atual não poderia nunca comportar-se como o Fausto de Marlow.

Entre as modalidades de transposição pragmática destacam-se: a **transmotivação**, ou substituição de motivo. Pode consistir em introduzir um motivo alí onde o hipotexto não o implicava, ou em suprimir ou eludir uma motivação original, ou desmotivação.

Outra classe de transposição pragmática é a **transvalorização**, definida literalmente por Genette como “toda operação de ordem axiológica que afete o valor explícita- ou implicitamente atribuído a uma ação ou a um conjunto de ações, em geral a uma série de ações, de atitudes e de

sentimentos que caracteriza um personagem.” A transvalorização pode ser positiva (**valorização**), negativa (**desvalorização**) e um estado mais complexo, a **transvalorização** que acarreta um duplo movimento: de desvalorização e de contra-valorização sobre os mesmos personagens.

IX - Adaptação

Esta modalidade de tradução intralingual refere-se à retomada de textos para adaptá-los a públicos específicos, por exemplo, a adaptação de obras para crianças ou adolescentes, ou para públicos menos letrados ou para adaptá-los a outros gêneros, por exemplo, uma romance para um roteiro de teatro ou cinema.

X - Retextualização

A retextualização, para Marcuschi, refere-se, principalmente às operações aplicadas a um texto original, oral, para transformá-lo em um texto escrito. Embora mencione outras possibilidades de retextualização, Marcuschi se concentra no tipo oral/escrito.

Arrolamos as seguintes modalidades de retextualização, algumas delas, apontadas por Genette. Nesse autor, no entanto, o interesse se centra em textos literários, diferentemente do meu objetivo.

1. do oral para o escrito

Este tipo de retextualização, além de interessar ao ensino, tem sido muito pesquisada. Há interessantes trabalhos, por exemplo, voltados para o discurso jurídico, em que foram analisados termos de depoimentos policiais e na justiça, cotejando-os com os textos orais originais.

2. do escrito para o oral

Tipo de tradução intralingual que retoma um original escrito, convertendo-o num texto oral. Por exemplo, a transformação de um artigo científico numa entrevista oral veiculada pela televisão.

3. de gênero para gênero

Tipo de tradução intralingual que retoma um texto vazado num gênero determinado e o converte em outro gênero. Por exemplo, transformar uma carta num artigo jornalístico; transformar uma tabela em texto discursivo.

4. de registro para registro

Tipo de tradução intralingual que retoma um texto num registro determinado e o converte noutro registro. Por exemplo, transformar uma carta missiva em registro informal, numa carta em registro formal; Um email informal em uma carta comercial ou oficial

5. de variedade regional para variedade regional

Tipo de tradução intralingual que retoma um texto vazado numa variedade regional e o traduz para outra variedade regional. Por exemplo um texto em linguagem nordestina brasileira para um texto em linguagem gaúcha; um texto em português de Portugal para um texto em português brasileiro.

6. de textos em linguagem antiga para linguagem atual

É o tipo de tradução intralingual que se dá quando se procede a uma atualização de uma obra, atualizando também sua linguagem.

XI – Os tipos especiais de tradução intralingual

1. Resumo

O resumo é um tipo especial de tradução intralingual. Ele apresenta as características da paráfrase, mas promove uma redução do texto; mantém-se fiel ao original, mas elimina as redundâncias e privilegia o que é relevante para o fim a que o mesmo se destina.

2. Lead

O *lead* é também um tipo especial de tradução intralingual, usado principalmente em textos jornalísticos. É um tipo específico de resumo, inserido no início do texto, que antecipa para o leitor o conteúdo da matéria. Sua estrutura deve contemplar a resposta às seguintes perguntas, relativas aos fatos: quem, o que, quando, onde, como e por que.

3. Resenha

A resenha é um tipo especial de tradução intralingual, que tem as características do resumo, mas que incorpora as opiniões e críticas do leitor sobre o texto. Essa segunda parte não constitui, no meu entender, uma retextualização, mas uma textualização.

4. a legendagem intralingual

A legendagem intralingual é um tipo de tradução intralingual que possibilita ao deficiente auditivo ler o texto que está sendo oralizado. A exemplo do resumo, faz muitas vezes uma redução do texto, em virtude das limitações de espaço na tela da televisão ou do cinema. Apresenta os mesmos problemas da legendagem interlingual.

XVI - censura . É uma adaptação ideológica, religiosa . Pode ocorrer também na tradução interlingual.

XV - plágio Todas essas modalidades, usadas inescrupulosamente podem configurar plágio.

Algumas dessas modalidades se manifestam mais na literatura. A paródia, o *pastiche*, a *bricolage*, o *travestissement*, a adaptação, a transposição são freqüentes na literatura e são consideradas por estudiosos como gêneros literários. No entanto, discursos como o publicitário e o jornalístico também costumam ser vazados nessas modalidades. Outras modalidades como a paráfrase e os diversos tipos de retextualização não se ligam necessariamente à literatura.

Existe, como se pode ver, uma estreita relação entre a tradução interlingual e a tradução intralingual, o que se evidencia nas considerações apresentadas por Genette em relação às diversas modalidades arroladas.

Além dos aspectos já apresentados, cumpre ainda considerar alguns dentre os muitos aspectos comuns à tradução interlingual e à tradução intralingual.

A fidelidade na tradução, por exemplo, é uma noção que perpassa toda a história dos estudos tradutológicos sobre tradução interlingual e constitui ainda hoje problema que está longe de apresentar uma solução consensual. O entendimento mais corrente é o de que a tradução deve ser fiel ao sentido do original, mas existem outras diversas posturas que consideram diversas maneiras de ser fiel; algumas delas muito próximas da infidelidade. Toda essa discussão cabe também no caso da tradução intralingual, uma tradução de um texto dentro de uma mesma língua também suscita essa discussão.

Outra discussão que cabe para os dois tipos em exame é a questão da unidade de tradução. Quando se traduz, qual é a unidade com a qual o tradutor opera para conseguir a equivalência? de que unidade partimos para comparar uma tradução com seu original? palavras, seqüências de palavras? unidades maiores? Há certo consenso de que a unidade tradutória é o segmento textual mínimo que se traduz de modo unitário e que esse é um segmento coesivo situado entre o nível da palavra e o nível da oração. Essa discussão também cabe para a tradução intralingual.

As questões da invariável e da equivalência tradutórias também são comuns às modalidades interlingual e intralingual: O que se mantém quando se traduz?

Outro aspecto que também interessa é o da competência tradutória. Embora essa noção cubra também os dois tipos de tradução em pauta, cumpre notar que existe uma diferença entre eles. Todo falante nativo de uma língua tem competência tradutória intralingual em sua língua, ele

não só é capaz de traduzir intralingualmente como é capaz de reconhecer que um dado texto é tradução de um dado original. No caso da tradução interlingual, a situação é mais complexa. O tradutor tem que ter competência em sua língua e em uma outra. Além do mais, precisa ter competência tradutória, que lhe vai permitir que ele passe de sua língua para uma outra, ou vice-versa, e seja capaz de traduzir e reconhecer que um dado texto é tradução de um dado original. Apesar de se reconhecer maior complexidade na competência tradutória interlingual, isso não significa que todo falante nativo seja exímio tradutor intralingual: ela precisa ser aprimorada.

Também as técnicas tradutórias são comungadas pelas duas modalidades em questão. Da mesma forma, problemas e erros de tradução são também questões pertinentes às mesmas.

Para concluir, é importante notar que até mesmo as formas de pesquisar ambas as modalidades são comuns: pode-se pesquisá-las como processos ou como produtos, podem ser descritas e analisadas usando as mesmas metodologias. Pode-se abordá-las, a ambas, com o apoio das diversas teorias lingüísticas, literárias e cognitivas..

Referências

- ARROJO, Rosemary. A tradução como paradigma dos intercâmbios intralingüísticos. *Revista Alfa* 36, São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FUCHS, Catherine. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France. 1982.184 pp.
- GENNETTE, Gérard. *Palimpsestes: La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of adaptation*. New York, London : Routledge, 2006
- HUTCHEON, Linda. *A Theory of parody – The teachings of twentieth-century art forms* . Urbana ,Chicago : University of Illinois Press, 2000.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. Seleção de Textos e Tradução por Isidoro Blickstein e José Paulo Pais. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LANGACKER, Ronald. *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis:Vozes, 1972.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001. 133p.
- PAZ, Octávio. *Traducción: Literatura y Literalidad*,. Barcelona: Tusquets, 1971.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- STEINER, George. *After Babel*. London: Oxford Univ. , 1975
- TARALLO, Fernando. Aspectos sociolingüísticos da tradução. In: *Tradução e comunicação* 4. São: Álamo, 1984, p. 91-106.